

edição especial

POPGLOW



“
*O que temos para
hoje é saudade...*”

Cristiano Araújo

Onze anos depois, milhões ainda cantam suas músicas. Dos primeiros festivais em Goiás ao sucesso nacional, revisitamos a vida, os sonhos e a obra de um artista que partiu aos 29 anos, mas nunca deixou de ser ouvido.

CRISTIANO ARAÚJO *ESTAVA CERTO.*

Em *maio de 2015*, durante uma viagem ao *Pantanal* para gravar o programa *Estrelas*, ele conversou com Angélica sobre carreira, família e música. Cristiano tinha 29 anos, vivia uma agenda intensa de shows e estava em uma fase de expansão profissional. Ao falar sobre repertório, explicou que gostava de lançar as músicas mais animadas na internet, mas reservava às canções românticas um tratamento diferente: eram elas que queria nas rádios. Sua justificativa foi simples. Acreditava que as românticas *“eternizam o artista”*.

A entrevista só seria exibida em julho daquele ano, algumas semanas depois de sua morte.

Hoje, em *setembro de 2026*, a frase parece menos uma opinião sobre estratégia musical e mais uma descrição involuntária do que aconteceu com sua própria obra. Onze anos se passaram desde 24 de junho de 2015, mas Cristiano nunca desapareceu da música brasileira. **“Caso Indefinido”** continuou atravessando festas, bares, playlists e vídeos. **“Maus Bocados”** permaneceu naquele grupo de canções que dispensam apresentação quando os primeiros acordes começam. **“Mente pra Mim”**, **“Cê que Sabe”**, **“É com Ela que Eu Estou”**, **“Hoje Eu Tô Terrível”** e **“Efeitos”** seguiram encontrando ouvintes que viveram a ascensão do cantor e outros que chegaram muito depois dela.



FOTO: DIVULGAÇÃO

É fácil observar apenas o tamanho que Cristiano alcançou. **Mais interessante é lembrar quanto tempo ele levou para chegar até ali.**

A carreira que parecia meteórica para quem descobriu aquele rosto na televisão havia começado quando ele ainda era criança.

Cristiano de Melo Araújo nasceu em Goiânia, em 24 de janeiro de 1986, em uma família na qual música não era um acontecimento extraordinário. Era parte da rotina. O pai, João Reis, mantinha um lava-jato com um bar onde artistas se apresentavam. Alguns dos nomes que passaram por ali, ainda no começo de suas próprias trajetórias, foram *Leandro & Leonardo* e *Bruno & Marrone*. Cristiano cresceu vendo aquele universo de perto. Aos seis anos ganhou um violão; aos nove já se apresentava em aniversários, bares e outros eventos.

Décadas depois, ao contar a história na televisão, ele lembraria que ficava ouvindo aqueles cantores e começou a desejar para si aquela mesma vida. Aos dez anos, o pai chegou a emancipá-lo para que pudesse trabalhar à noite, sempre acompanhado por ele. Ou seja: *quando o Brasil conheceu Cristiano Araújo como uma das novidades do sertanejo, ele já conhecia o palco havia muito tempo.*

Aos 13 anos

Gravou um pequeno trabalho para disputar um festival. Mais tarde tentou a vida em dupla. Não foi uma experiência única: na última entrevista que concedeu ao UOL, Cristiano contou que havia passado por três duplas antes de assumir definitivamente a carreira solo. E revelou que essa escolha também carregava uma vontade antiga. Mesmo quando tinha parceiro, queria cantar sozinho. Luan Santana e Eduardo Costa foram referências contemporâneas importantes para que percebesse que um cantor sertanejo não precisava necessariamente estar em uma dupla. Sérgio Reis era outra inspiração.

Cristiano resumiu aquilo de uma forma que combina com toda a sua trajetória: música não precisava de regra. Precisava de alma.

Em *janeiro de 2013*, já conhecido em boa parte do país, Cristiano voltou ao palco do Domingão do Faustão e lembrou de quando cantava em bares por R\$ 300. Contou que naquela época chegava a pedir a Deus que um dia pudesse fazer cinco shows. Diante da plateia, agradeceu ao pai e o definiu como a pessoa mais importante de sua carreira. João assistia da plateia. Cristiano chorou.



FOTO: DIVULGAÇÃO/GLOBO

A cena ajuda a entender por que a história dos dois é *inseparável*.

João não foi apenas o pai que percebeu cedo o desejo musical do filho. Foi quem acompanhou os primeiros palcos, as *tentativas*, as frustrações e os anos em que ninguém poderia garantir que aquela insistência terminaria em sucesso.

E durante muito tempo, *não terminou*.

Foi preciso chegar a *2011*.

Foi preciso chegar a ***“Efeitos”***.

Mas o mais importante ainda estava por vir.



QUANDO CRISTIANO DEIXOU DE SER PROMESSA

O sertanejo brasileiro vivia uma transformação acelerada no início da década de 2010. Novos artistas, novas sonoridades e um público muito jovem transformavam artistas regionais em fenômenos nacionais numa velocidade que a internet ajudava a multiplicar. Cristiano conseguiu ocupar um lugar particular nesse movimento.

Ele era jovem o suficiente para dialogar com aquela renovação, mas vinha de uma formação profundamente ligada ao sertanejo que havia escutado durante a infância. Gostava de misturar elementos de arrocha e forró às faixas mais animadas, mas sabia que sua principal força estava no romantismo.

Depois de “Efeitos”, os sucessos deixaram de acontecer isoladamente. Vieram “Mente pra Mim”, “Maus Bocados”, “Caso Indefinido”, “Cê que Sabe”, “É com Ela que Eu Estou”. Cristiano passou a construir algo muito mais difícil do que um hit: um repertório reconhecível.

Talvez **“Caso Indefinido”** seja o melhor exemplo.

Não existe uma grande invenção naquela história. É justamente o contrário. A canção fala sobre uma relação que não consegue receber nome, sobre duas pessoas presas entre a vontade de assumir o amor e a possibilidade de deixá-lo como está. Uma situação comum convertida em um refrão impossível de esquecer.

“Por um momento ou pra vida inteira?”

Em 2014, aos 28 anos, ele já podia voltar ao Mais Você com outra história para contar. Não era mais o rapaz apresentado por Leonardo como uma promessa. Naquele ano, Cristiano havia recebido o título de embaixador da Festa do Peão de Barretos e acumulava 19 anos de estrada, contando desde as primeiras apresentações da infância.



FOTO: DIVULGAÇÃO

A produção exibiu um vídeo de João Gabriel e Bernardo, seus dois filhos. O mais velho contou que gostava de jogar videogame, brincar de Homem-Aranha e jogar futebol com o pai. Cristiano chorou. Depois admitiu que a rotina profissional cobrava um preço: lamentava não conseguir acompanhar de perto o crescimento dos meninos.

Cristiano contou que, quando conseguia uma segunda-feira livre depois dos shows, pegava um avião e voltava correndo para Goiânia. Queria estar com os filhos, a mãe e o pai. Era ali que tentava recuperar, ainda que por poucas horas, a vida que uma agenda de dezenas de apresentações mensais inevitavelmente comprimira.

Na mesma conversa surgiu uma das respostas mais Cristiano possíveis.

Cozinhar?

Nada.

“Não sei fritar um ovo. Só sei fazer música.”

A frase arrancava graça porque funcionava como brincadeira, mas também porque provavelmente nenhuma definição seria tão eficiente.

A vida dele havia sido organizada em torno da música desde a infância.

E, em 2014, essa vida alcançava sua produção mais ambiciosa.



No dia 30 de agosto daquele ano, Cristiano Araújo subiu ao palco em Cuiabá para gravar o DVD In The Cities. Não era um projeto pensado apenas para registrar um show. O desenho visual transformava o cenário conforme as músicas, recriando diferentes cidades. A produção musical era de Dudu Borges; a parte visual ficou nas mãos da Hit Music e a direção de vídeo, com Jacques Jr. À época, o jornalista André Piunti definiu a intenção do trabalho com clareza: mostrar Cristiano definitivamente no primeiro escalão da música e apresentá-lo como um grande showman.

“Cê que Sabe” virou uma das músicas definitivas de seu repertório. “É com Ela que Eu Estou”, composta por Marília Mendonça, integrou a sequência de sucessos. “Caso Indefinido” e “Maus Bocados” ajudavam a formar um show em que praticamente todo bloco carregava uma música conhecida.

A carreira também ultrapassava as fronteiras do Brasil. Há registros de Cristiano em turnês pelos Estados Unidos e pela Europa, além de uma agenda nacional extensa. Anos depois, imagens inéditas dessas viagens seriam exibidas pelo Mais Você em uma homenagem preparada a partir do acervo do fotógrafo e amigo Flaney Gonzallez, que acompanhou a equipe de março de 2014 até o último show.

Cristiano estava vivendo aquilo que havia imaginado quando criança, sentado no bar do pai, vendo outros sertanejos cantarem.

No dia 23 de junho de 2015, Cristiano fez um show em Itumbiara, no sul de Goiás. Na madrugada seguinte, durante o retorno, o carro em que viajava sofreu um acidente na BR-153. Cristiano e a namorada, Allana Moraes, morreram. Ele tinha 29 anos.

A morte interrompeu uma carreira que não apresentava qualquer sinal de encerramento. Esse talvez seja um detalhe importante quando se conta essa história tantos anos depois. Cristiano não morreu depois de viver um longo ciclo artístico e observar a própria obra se transformar em memória. Morreu no meio da construção. Com agenda, gravações, projetos e uma quantidade de caminhos ainda abertos.

Por isso, durante algum tempo, a pergunta sobre o que ele “teria sido” parecia inevitável.

Teria se tornado ainda maior?

Que música gravaria?

Que posição ocuparia no sertanejo de hoje?

Onze anos depois, talvez não seja preciso tentar responder.

A carreira que existiu já deixou **respostas suficientes**.

O legado de Cristiano *não precisa de uma carreira imaginada*.

O QUE FICOU DEPOIS DO ÚLTIMO SHOW

Existe um teste especialmente cruel para qualquer fenômeno popular: **o tempo**.

Uma música pode dominar uma estação e desaparecer na seguinte. Artistas podem acumular números extraordinários durante um período e, poucos anos depois, pertencer apenas à memória afetiva de quem esteve lá.

Com Cristiano aconteceu outra coisa. *O repertório permaneceu circulando*.

Não ficou guardado apenas em homenagens de aniversário de morte. As músicas continuaram presentes no cotidiano: no streaming, nas festas, nos vídeos, nos shows de outros artistas e naquele tipo de playlist em que ninguém precisa explicar por que uma faixa de 2013 está ao lado de um lançamento de 2026.

É aí que “**legado**” deixa de ser uma palavra bonita de texto comemorativo e se transforma em algo mensurável pela experiência do público.

O repertório de Cristiano resistiu porque funciona sem precisar da tragédia para dar significado a ele.



Quem canta **“Maus Bocados”** não precisa estar prestando uma homenagem.

Quem coloca **“Cê que Sabe”** em uma festa está simplesmente ouvindo uma música que continua funcionando.

Quem escuta **“Caso Indefinido”** não precisa pensar em junho de 2015.

Essa talvez seja a maior vitória que uma obra possa ter sobre o tempo.

PRESERVAR CRISTIANO NUNCA PODERIA SIGNIFICAR FABRICAR OUTRO CRISTIANO.

A própria família teve um papel central na preservação desse catálogo. João Reis, que esteve no começo de tudo, permaneceu ligado à memória artística do filho. Em uma entrevista concedida meses depois da morte de Cristiano, falou sobre a falta do sorriso e da alegria do filho e afirmou que sentia sua presença acompanhando a família. Desde 2022, a família e a Som Livre vêm trabalhando com registros originais de sua voz em projetos que criaram encontros com Jorge & Mateus, Felipe Araújo, João Reis e Marília Mendonça, além da apresentação da inédita “Por Que”.

Em 2026, outro pedaço daquele acervo voltou ao presente.

A edição deluxe de In The Cities – Ao Vivo em Cuiabá chegou às plataformas com vinte faixas. Cinco estavam sendo disponibilizadas em áudio pela primeira vez: “Sangrando Sem Corte”, “Não Te Largo Mais”, “Pra Matar a Saudade”, “Quebrou a Cabeça” e o pot-pourri formado por “Sempre Será”, “Domingo”, “Eu Acabo Voltando” e “Amores São Coisas da Vida”.

Doze anos depois daquela noite em Cuiabá, um projeto criado para mostrar que Cristiano havia alcançado o primeiro escalão ainda tinha material para oferecer ao público.



Sabe porque a *música* *ficou.*

Era o menino que queria cantar porque assistia aos artistas no bar do pai.

Era o adolescente que tentou dupla e voltou a tentar.

Era o cantor que passou anos esperando a oportunidade que “Efeitos” finalmente trouxe.

Era o homem que chegava a fazer 25 shows em um mês e, quando aparecia uma segunda-feira livre, queria voltar para Goiânia.

Era o pai que chorava vendo os filhos na televisão porque sabia exatamente o que estava perdendo enquanto trabalhava.

Era o artista que podia subir diante de milhares de pessoas e, ao mesmo tempo, admitir que não sabia fritar um ovo.

E era, acima de tudo, alguém que passou quase toda a existência tentando fazer música.

Cristiano morreu aos 29 anos.

Mas dizer apenas isso conta muito pouco. Aos 29, ele já tinha aproximadamente duas décadas de experiência sobre palcos.

Já havia saído dos bares de Goiânia para uma rotina de dezenas de apresentações mensais. Já tinha levado sua música aos Estados Unidos e à Europa.



Nenhuma dessas coisas muda o final da história de Cristiano.

*Mas todas mudam
o tamanho dela.*

Porque uma vida pode terminar aos 29.

Uma obra não precisa terminar junto.

E a de Cristiano Araujo, felizmente, não terminou.

Foi por um momento.

**Virou para
a vida inteira.**

POPGLOW

Para sempre, Cris!